

COLEÇÃO AMORES EXPRESSOS: MALEABILIDADE SEXUAL ENTRE IDAS E VINDAS CORPORAIS NA URBE MUNDIAL E CONTEMPORÂNEA

Jaqueline Lupi Seabra da Silva

Universidade Federal de Juiz de Fora – Minas Gerais, jaquelinesea@gmail.com

Resumo

Este artigo tem como objetivo discutir a *Coleção Amores Expressos* no que tange as ideias de mobilidade e sexualidade. Partindo do pressuposto de que os personagens – viajantes, turistas, exilados e migrantes – saem de suas próprias nações para outras, nesses novos espaços encontra-se uma certa liberalidade moral, em que se é convidado pela cidade à experimentação sexual. Nossa hipótese principal é a de que a *Coleção Amores Expressos* exhibe aos leitores uma certa maleabilidade, expondo aos nossos olhos uma sociedade conflituosa em que ao mesmo tempo existem, concomitantemente, práticas liberais em relação a sexualidade e em outras, a eliminação da diferença sexual. A coleção exhibe bonecas de silicone para acompanhar homens solitários, mulheres que desejam ter filhos e cuidar deles sozinhas, a separação de casais, o voyeurismo sexual, o relacionamento homossexual e heterossexual, a transexualidade, a compra do sexo através da prostituição, casos passageiros, relacionamentos abertos e à distância, toda uma complexidade de relações sexuais que sendo tabus na sociedade, se mostram plurais e liberais na Literatura Brasileira Contemporânea. O desenvolvimento da presente pesquisa seguiu uma estrutura pautada nas diretrizes metodológicas que sugerem duas etapas de trabalho: pesquisa teórica e documental.

Palavras-chave: *Coleção Amores Expressos*, sexualidade, mobilidade.

Introdução

Em um mundo cada vez mais plural, em que se percebe que as identidades estão cada vez mais fragmentadas, é importante pensarmos o porquê de algumas identidades serem valorizadas e outras completamente estigmatizadas. Atualmente, temos percebido que há uma grande discussão em torno dos temas sobre sexualidade e gênero e, por um lado, uma grande corrente mais conservadora defende a heteronormatividade e a proteção da família patriarcal, enquanto que há outra corrente que defende que os gêneros são plurais, que há muitas formas, enfim, de viver a sexualidade humana.

Inegavelmente, a sexualidade perpassa por todas as fases do desenvolvimento humano. Um(a)s sexualidade(s) são mais aceitas, enquanto outras precisam ser escondidas. É nesse ponto que

acreditamos que o artigo sobre a Coleção *Amores Expressos*¹ se faz importante, no que tange a demonstrar o quanto a sexualidade humana é diversa. A Literatura Brasileira Contemporânea pode nos apontar o quanto nossas sociedades são permissivas em relação a sexualidade, ou por outro lado, como pode ser repressiva àqueles que são diferentes na expressão de suas vivências sexuais.

A Coleção, considerada como um todo, nos mostra heterossexuais e homossexuais, sujeitos *trans*, homens que curtem sessões de sadomasoquismo, além do fetiche com bonecas quase humanas, a existência da pornografia também surge, expandida através do comércio sexual e da globalização de informações, mudando por fim, alguns comportamentos sexuais que ora não poderiam ser modificados.

Desse modo, o que a literatura brasileira contemporânea tem a nos dizer sobre nós mesmos? Sobre nossa “brasilidade”, nossa sexualidade e nossa presença no mundo como latino-americanos? Quais são as formas de sexualidade presentes nas obras? Quais são, enfim, os espaços que se permite navegar por mares sexuais desconhecidos? Essas são algumas questões que pretendemos responder.

Metodologia

O presente trabalho foi desenvolvido através da pesquisa teórica com o levantamento, leitura de livros e artigos acadêmicos que dialogam com o tema estudado. Além disso, a pesquisa documental foi compreendida com pesquisas em fontes secundárias – obras literárias referentes à sexualidade e a mobilidade, busca de informações sobre o nosso objeto de estudo, ou seja, análise de fontes secundárias (resenhas, livros, entrevistas etc.) que nos aproximaram do universo criativo dos escritores.

Resultados e discussão

Prostituição, bonecas de silicone realísticas, mulheres que desejam ser mães “independentes”, cirurgia de mudança de sexo, pornografia, estupro, mulheres que curtem mulheres, homens que curtem homens, fetiches por bonequinhas, transgêneros, divórcios, pessoas diferentes em suas sexualidades vivendo em um mundo que oscila entre a defesa da liberdade sexual e a discriminação

¹ Foram lançados até agora: *Barreira* (2013) de Amílcar Bettega, *Cordilheira* (2008) de Daniel Galera; *Diga a Satã que o recado foi entendido* (2013) de Daniel Pellizzari; *Do fundo do poço se vê a lua* (2010) de Joca Reiners Terron; *Estive em Lisboa e lembrei de você* (2009) de Luiz Ruffato; *Ithaca Road* (2013) de Paulo Scott; *Nunca vai embora* (2011) de Chico Mattoso; *O filho da mãe* (2009) de Bernardo Carvalho; *O livro de Praga: Narrativas de amor e arte* (2011) de Sérgio Sant’Anna; e por fim, *O único final feliz para uma história de amor é um acidente* (2010) de J.P. Cuenca.

de certas minorias. Paulatinamente, as pessoas vão ganhando suas liberdades sexuais, em específico, as minorias, à custa de muita luta. Será que estamos retornando ao século XVII quando existia uma certa liberdade, uma franqueza em relação ao sexo? Segundo Michel Foucault (2014) é a partir do surgimento da burguesia vitoriana que a sexualidade é enclausurada no quarto dos pais, o casal torna-se padrão, é o legítimo procriador da raça humana e aqueles que são diferentes (embora existindo em lugares específicos, como prostíbulos) viram anormais e, dentro dessa lógica, precisam ser punidos.

De qualquer maneira, as contribuições de Thomas Laqueur (2001) trazem ideias pertinentes para se pensar o sexo que conhecemos atualmente. Segundo ele, as concepções sobre a sexualidade que conhecemos hoje – que não é preciso que a mulher goze para engravidar, a invenção dos nomes dos órgãos genitais e a diferença entre os corpos femininos e masculinos – são recentes. Isso posto, é preciso pensar que o que sabemos sobre a sexualidade transformou-se em algo naturalizado e comum, mas, no entanto, o que conhecemos é oriundo de uma longa jornada do conhecimento humano. Laqueur (2001) explica que na antiguidade acreditava-se que o corpo feminino era igual ao masculino, porém era interno e mais frio – esse é o modelo do sexo único. É no Renascimento que surge a curiosidade de dissecar corpos humanos, abrindo a possibilidade de “ver” as diferenças entre os corpos femininos e masculinos, mas mesmo assim, era ainda comum ver os desenhos de anatomia que “comprovavam” que o útero era um escroto interno.

A possibilidade de mudar de sexo, assim como demonstrado em *Do fundo do poço se vê a lua* (2010) é algo bastante recente, pois é através das novas tecnologias ligadas a medicina que essa cirurgia é capaz de ser realizada. Anthony Giddens (1993, 2005) discute essas ideias e acrescenta que vem acontecendo um deslocamento da reprodução humana com o ato sexual, ou seja, não é necessário fazer sexo para se reproduzir: atualmente, casais gays têm a possibilidade de adotar crianças e a inseminação artificial é outra técnica médica que permite aos casais terem seus próprios filhos. Além disso, é importante salientar que as mulheres podem escolher ter ou não ter filhos através do uso do método contraceptivo, antes a mulher estava à mercê da natureza. Essa nova “tecnologia” permitiu que as mulheres controlassem melhor seus corpos. Giddens (1993, 2005) afirma ainda que é em nossa sociedade contemporânea que a mulher surge como uma figura que possui maior valor em relação aos homens, aliás, ao fazer um contraponto com os livros da coleção, Rosana Corrêa Lobo (2012) afirma que “por coincidência, quase todas as narrativas de Amores Expressos, lançadas até o momento, narram histórias marcadas pela ausência ou morte da mãe, o

que agrava ainda mais o sentimento de desamparo vivido por essas personagens pós-modernas” (p. 265).

Além de todas essas discussões sobre a sexualidade e sua transformação ao longo do tempo, Judith Butler (2014) nos auxilia na tarefa de diferenciar a sexualidade do gênero. Em seus estudos, o sexo é tratado em termos biológicos – órgãos genitais e a “mecânica” sexual – e o gênero como sendo algo construído culturalmente, portanto, não é fixo e nem tão causal. Sara Salih (2015) ao estudar Judith Butler e a teoria *queer* afirma que tanto a ideia de sexo quanto a de gênero são construções discursivas, o corpo, portanto, também é construído através da língua e do discurso.

Pode-se perceber pelo exposto que o conceito sobre a sexualidade vem sofrendo transformações bruscas, permitindo então uma maleabilidade que vem ocorrendo na atualidade – tanto na sociedade quanto no enredo das obras. É aí que entra *Carne e pedra* (2014), de Richard Sennett, o qual afirma que “em geral, a forma dos espaços urbanos deriva de vivências corporais específicas a cada povo – este é meu argumento em *Carne e pedra*” (p. 373), ora, em cidades capitais, que recebem turistas, exilados, migrantes, cabe indagar: como a carne “móvel” interfere na pedra? Ou olhando por outro lado, será que a pedra interfere na carne? É importante enfatizar que Sennett (2014) faz um longo estudo das cidades “capitais” antigas – como Atenas, Roma, Veneza (e inclui Nova Iorque) – para demonstrar que a criação do espaço urbano é oriunda de uma concepção de corpo e de corpos que podem ou não estar visíveis, como o gueto judeu em Veneza.

Um projeto como *Amores Expressos* só poderia ser pensado em uma sociedade altamente tecnológica. A exigência de se escrever um blog enquanto se viaja é um bom exemplo. Obviamente, a utilização dos meios de transporte rápidos auxiliadas pelos meios de comunicação (com a internet, o mundo virou uma grande rede), dão a possibilidade das obras serem mundiais em detrimento a locais, refletem portanto, muitos dilemas da contemporaneidade.

As máquinas permitem o trânsito e a comunicação mais rápidos. Devido a fluidez que hoje se apresenta aos nossos olhos, sabemos momentaneamente desastres que aconteceram do outro lado do mundo. Essas novas tecnologias, permeadas pelo processo de globalização, promovem o movimento de pessoas, informações e notícias. Como se sabe, o movimento de pessoas pelos territórios não é algo novo, os processos migratórios, as conquistas militares e as pregações religiosas são bons exemplos de como os seres humanos vem circulando nos espaços (CHANDA, 2011; GIDDENS, 2005).

Peter Keller (2005), por exemplo, afirma que o turismo tem sido influenciado pela globalização e com isso o mundo está cada vez mais integrado e os mercados têm se tornado cada

vez mais internacionais. Se expandirmos esse pensamento, podemos afirmar que há um mercado que consome objetos sexuais e pornografia, fazendo com que o desejo e a sexualidade se “integre”, ou seja, os mercados de pornografia incitam comportamentos e desejos que muitas vezes na prática não são exercidos. Daniel Pellizzari (2013) por exemplo, cita o ator pornô Rocco Siffredi em seu blog e no romance, um dos personagens fica agradecido ao mercado de filmes pornôs já que as mulheres ao assistir a esse tipo de filme, acabam por ter suas sexualidades incitadas por outros desejos.

Pelo exposto, pode-se chegar à conclusão que a globalização, as grandes mídias, os meios de transporte, comunicação e o consumo juntamente com a mobilidade – personagens migrantes, exilados, refugiados e turistas – fazem da Coleção *Amores Expressos* uma grande metáfora da pós-modernidade. Aliado a globalização, por fim, todo esse processo pode ser definido como “movimento”: “a sociedade moderna é uma sociedade em movimento” (LASH e URRY apud BARRETO, 2009). Mobilidade e maleabilidade, duas palavras que resumem muito bem a referida coleção.

Serginho vai para Portugal “tentar a vida”, Ruslan é exilado, Wilson/Cléo viaja para o Cairo para assumir seu status de “rainha do Nilo”, Fátima volta para Turquia para reconstruir o caminho do pai – o qual nascera em Istambul e migrou para o Brasil quando criança. Anita migra para Buenos Aires na busca de um recomeço longe dos olhos morais do Brasil, percebemos que embora motivados por questões diferentes para migrar, os personagens estão em busca de seus próprios paraísos, lugares que a vida pode ser levada mais facilmente, mas, como as narrativas nos mostram, o paraíso se transforma logo em inferno e as esperanças caem por terra (NATALE TERRIN, 2003; SAYAD, 1998)².

O que faz com que os migrantes sejam atraídos ou repelidos dos seus respectivos espaços? Teorias antigas da migração tentam explicar levando em conta: a) fatores de expulsão, como a guerra, a fome, a opressão política e b) os fatores que atraem os migrantes são os postos de trabalho próspero, as condições de vida melhores e menor densidade populacional. Tais explicações, segundo Giddens (2005) são muito simplistas, pois a tentativa de normatizar e polarizar os fatores de atração e repulsão não inclui outros aspectos (não só aspectos econômicos, mas afetivos). Ora, cada movimento migratório é particular, é o produto da interação entre macro (questões

² Serginho é personagem de *Estive em Lisboa e lembrei de você* (2009) de Luiz Ruffato, Ruslan pertence a obra *O filho da mãe* (2009) de Bernardo Carvalho, Wilson/Cléo pertence ao livro *Do fundo do poço se vê a lua* (2010) de Joca Reiners Terron, Fátima é personagem do livro *Barreira* (2013) de Amílcar Bettega e finalmente Anita, a qual pertence a *Cordilheira* (2008) de Daniel Galera.

econômicas) e micro níveis (apoio mútuo dentro da comunidade, laços afetivos com as pessoas que ficaram). Pensando nisso, podemos indagar: como nossos personagens – migrantes, exilados, viajantes e turistas – se re-territorializam? Será que a sexualidade é uma forma de se re-territorializar?

Para tentar responder a essa questão, precisamos discutir um último assunto. O território resulta da interação entre as relações sociais e o controle do/pelo espaço, tais relações de poder se manifestam de forma concreta – de domínio – e simbólica. Em contrapartida, o processo de desterritorializar é “diminuir ou debilitar o controle sobre essas fronteiras (como vimos para o caso das fronteiras nacionais), com o que aumenta assim a dinâmica, a fluidez, em suma, a mobilidade, tanto de pessoas como de bens materiais, capital ou informações³” (HAESBAERT, 2011, p. 194, tradução nossa).

Rogério Haesbaert (2011) discute questões importantes acerca da desterritorialização. Temáticas como nomadismo, migrações, i-mobilidade humana e ciberespaço surgem e faz-nos pensar que a mobilidade não é sinônimo de desterritorialização, tais temáticas “(...) que põe em xeque a ideia preconcebida de que mobilidade é sinônimo de desterritorialização, da mesma forma que estabilidade ou pouca mobilidade significaria obrigatoriamente territorialização⁴”(HAESBAERT, 2011, p. 195, tradução nossa).

Podemos pressupor que tal afirmativa desloca a ênfase território fixo versus territorialização, pois a interpretação abrange muito mais contextos sociopolíticos que a fixidez desse território estático e a-temporal. Segundo Haesbaert (2011), não é preciso estar em processo de mobilidade para ser designado desterritorializado. Ele afirma, por exemplo, que presos, moradores de favelas sem acesso a aparelhos básicos da cidadania e migrantes são desterritorializados não em função do relacionamento espaço/indivíduo, mas porque sem suas referências, sem respeito à dignidade humana, ou em situação de grande fragilidade, estão desterritorializados. Mesmo imóvel, as pessoas podem estar desterritorializadas: “*assim como mobilidade não significa necessariamente desterritorialização, imobilidade ou relativa mobilidade tão pouco significa de forma obrigatória*

³ No original: “disminuir o debilitar el control sobre esas fronteras (como vimos para el caso de las fronteras nacionales) con lo que aumenta así la dinámica, la fluidez, em suma, la movilidad, tanto de personas como de bienes materiales, capital o informaciones” (HAESBAERT, 2011, p. 194).

⁴ No original: “que pone en jaque la idea preconcebida de que movilidad es sinónimo de desterritorialización, de la misma forma que estabilidad o poca movilidad significaría obligatoriamente territorialización” (HAESBAERT, 2011, p. 195).

territorialização”⁵ (HAESBAERT, 2011, p. 208, grifo do autor, tradução nossa).

Podemos chegar à conclusão de que a Coleção *Amores Expressos* apresenta sujeitos fragmentados e à deriva e que procuram, em seus novos espaços de ação, re-territorializar-se, principalmente, por um viés afetivo. A maleabilidade corporal se mescla a maleabilidade sexual quando os sujeitos em seus novos espaços se despem da moralidade de seus países de origem, fazendo com que experimentem viver uma sexualidade diferente. O sexo, portanto, torna-se um “lugar” de inovação, pertencimento e também de re-territorialização.

Conclusões

Diante de uma sociedade paradoxal a qual vivemos – por um lado uma certa abertura em relação a sexualidade e por outro, violenta contra *sexual outsiders*, como podemos cruzar a literatura com tudo o que foi discutido? Jonathan Culler (1999) afirma que a literatura nos torna seres humanos melhores e que além de ser perigosa (lembramos que Platão expulsou os poetas da República justamente por incitar o *pathos*), é um instrumento ideológico, mas é também ferramenta para a superação do *status quo*.

Qualquer obra de arte diz respeito a seu próprio tempo. Podemos inferir então, que a literatura entendida como arte, também diz muito de sua época. Deste modo, as obras apresentam um determinado tema dentro de uma dada realidade, ele só será criticado e analisado, portanto, se conseguirmos discuti-lo em duas frentes: analisando o fato social (que se faz, que se fazia) e como se manifesta no interior do romance (SANTOS, 2001). A Coleção *Amores Expressos*, portanto, nos mostra que há sim uma liberdade sexual, mas conquistada em espaços que não são a terra natal, motivadas em primeira instância, por um deslocamento corpo/cidade. É importante salientar ainda que Wilson/Cléo, personagem do romance *Do fundo do poço se vê a lua* (2010), é violentada e brutalmente assassinada em seu novo espaço de ações, o que demonstra os sentimentos de ojeriza que nossas sociedades apresentam em relação aos sujeitos *trans*.

A literatura existe porque nós seres humanos narramos histórias pois temos necessidade de significar nossas experiências (RIBEIRO, 2008). A literatura como ato narrativo e artístico, dá-nos a possibilidade de nos distanciarmos de nós mesmos e, além disso, “é somente por meio delas (histórias) que conseguimos captar certos processos não lineares” afinal só assim, conseguimos observar os processos que nós mesmos estamos mergulhados (SCHWANITZ, 2007, p. 370). Por

⁵ No original: “*así como movilidad no significa necesariamente desterritorialización, inmovilidad o relativa movilidad tampoco significa de forma obligatoria territorialización*” (HAESBAERT, 2011, p. 208, grifo do autor).

fim, acreditamos que os livros da Coleção *Amores Expressos* têm muito a contar sobre nós mesmos e sobre o contexto da contemporaneidade.

Referências

BARRETTO, Margarita. Interfaces entre turismo e migrações: uma abordagem epistemológica. **Passos revista de turismo y patrimonio cultural**. v. 7, nº 1, p. 1-11, nov, 2009.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Tradução Renato Aguiar. 7. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

CHANDA, Nayan. **Sem fronteira**. Rio de Janeiro: Record, 2011.

CULLER, Jonathan. **Teoria literária**: uma introdução. Tradução. Sandra Vasconcelos. São Paulo: Beca Produções Culturais, 1999.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade**: a vontade de saber. Tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade**: Sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. Tradução Magda Lopes. Rio de Janeiro: Editora Unesp, 1993.

_____. **Sociologia**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

HAESBAERT, Rogério. **El mito de la desterritorialización**: del "fin de los territorios" a la multiterritorialidad. Traducción Marcelo Canossa, México: Siglo XXI, 2011.

KELLER, Peter. **Uma nova maneira de ver o turismo global**: Análises Regionais e Globais do Turismo Brasileiro. Editora Roca, 2005.

LAQUEUR, Thomas W. **Inventando o sexo**: corpo e gênero dos gregos a Freud. Tradução Vera Whately. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

LOBO, Rosana Corrêa. Joca Reiners Terron: do fundo do poço se vê a lua. **Estud. Lit. Bras. Contemp.** 2012, n.39, pp.263-267.

NATALE TERRIN, A. A saudade do paraíso na história das religiões. In: ____ **Introdução ao Estudo Comparado das Religiões.** São Paulo: Paulinas, 2003.

PELLIZZARI, Daniel. **Digam a satã que o recado foi entendido.** São Paulo: Companhia das Letras, 2013

RIBEIRO, Anália Keila, LYRA, Maria C. D. P. O processo de significação no tempo narrativo: uma proposta metodológica. **Estud. psicol.** Natal. 2008, vol.13, n.1. p. 65-73.

SALIH, Sara. **Judith Butler e a Teoria Queer.** Tradução Guacira Lopes Louro. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

SANTOS, Joel Rufino. **Paulo e Virgínia:** o literário e o esotérico no Brasil atual. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

SAYAD, Abdelmalek. **A imigração ou os paradoxos da alteridade.** “Prefácio” de Pierre Bourdieu. Tradução Cristina Murachco. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

SCHWANITZ, Dietrich. **Cultura geral:** tudo o que se deve saber. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

SENNETT, Richard. **Carne e pedra.** Tradução Marcos Aarão Reis. 3. ed. Rio de Janeiro: BestBolso, 2014.

TERRON, Joca Reiners. **Do fundo do poço se vê a lua.** São Paulo: Companhia das letras, 2010.